

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2025-01-17

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Barradas, R. & Suleman, F. (2024). Pluriatividade enquanto resposta dos jovens à vulnerabilidade no mercado de trabalho. In Renato Miguel do Carmo (Ed.), *Jovens e o trabalho em Portugal: Desigualdades, (des)proteção e futuro*. (pp. 133-153). Lisboa: Actual Editora.

Further information on publisher's website:

<https://www.almedina.net/jovens-e-o-trabalho-em-portugal-desigualdades-desprotecao-e-futuro-1719367311.html>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Barradas, R. & Suleman, F. (2024). Pluriatividade enquanto resposta dos jovens à vulnerabilidade no mercado de trabalho. In Renato Miguel do Carmo (Ed.), *Jovens e o trabalho em Portugal: Desigualdades, (des)proteção e futuro*. (pp. 133-153). Lisboa: Actual Editora.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Pluriatividade enquanto resposta dos jovens à vulnerabilidade no mercado de trabalho

Ricardo Barradas

Fátima Suleman

1. Introdução

Face às condições do mercado de trabalho descritas anteriormente, os jovens procuram respostas individuais para lidar com as dificuldades. Muitos desses jovens tendem a compatibilizar dois ou mais empregos para sobreviver num mercado de trabalho mais competitivo e exigente. O envolvimento dos jovens em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo, é uma tendência transversal à generalidade dos países da União Europeia, incluindo em Portugal (Orfao *et al.*, 2023). Na maior parte dos casos, esta estratégia permite colmatar a maior vulnerabilidade enfrentada pelos jovens no mercado de trabalho, nomeadamente a existência de trabalhos precários, trabalhos mal remunerados, trabalhos a tempo parcial e elevada desproteção social. Contudo, esta opção de múltiplos empregos pode constituir uma estratégia quer para adquirir novas competências e conhecimentos especializados, quer como “trampolim” para uma carreira profissional mais exigente (Panos *et al.*, 2014). Em suma, a opção pode representar uma estratégia para alcançar experiências de trabalho diversificadas e desenvolver competências, mas pode ser também uma ilustração de procura de soluções por parte dos jovens para enfrentar a incerteza de emprego e, conseqüentemente, de rendimento. Assim se compreende que o assunto tem merecido a devida atenção desde os anos noventa (Amirault, 1995) com a emergência de vários estudos focados em vários países, como a Rússia (Foley, 1997), a Austrália (Bambery e Campbell, 2012), o Reino Unido (Panos *et al.*, 2014), o Canadá (Glavin, 2020) e a Europa (Conen e De Beer, 2012).

Neste capítulo, pretendemos caracterizar os jovens que detêm mais do que um emprego e analisar os determinantes da pluriatividade em Portugal. O tema não foi ainda devidamente tratado como objeto de estudo, por isso esta pesquisa representa o primeiro trabalho focado exclusivamente no caso dos jovens portugueses, para o qual a evidência empírica é relativamente inexistente. Portugal representa um caso de estudo interessante porque, à semelhança de outros países mediterrâneos (Grécia, Itália e Espanha), apresenta elevados níveis de informalidade no mercado de trabalho, baixos níveis de protecção

social, excessiva dependência da protecção privada (apoio familiar), grande segmentação no mercado de trabalho e altos níveis de desigualdade (Ferrera, 1996).

A análise empírica deste capítulo recorre a dados primários, obtidos através da realização de um inquérito, primeiramente para identificar a composição do grupo de jovens que indica estar envolvido na pluriatividade e, posteriormente, para estimar a relação que se estabelece entre as características sociodemográficas, a situação no mercado de trabalho, a solidariedade intergeracional relativamente aos jovens e a pluriatividade. No essencial, este capítulo visa responder a duas questões centrais: i) quais as principais diferenças entre os jovens com pluriatividade e aqueles que têm um único emprego?; ii) o que motiva o envolvimento dos jovens em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo? O texto apresenta ainda uma breve caracterização da pluriatividade em Portugal, utilizando, para tal, dados secundários da base de dados do Eurostat.

Para além desta primeira secção introdutória, este capítulo encontra-se estruturado em mais cinco secções. Na próxima secção apresentamos estudos que permitem compreender a realidade da pluriatividade nas diferentes geografias e discutir as principais motivações. A fonte dos dados e as opções metodológicas são descritas na terceira secção. Na quarta secção, são apresentados e discutidos os resultados. Por fim, a última secção expõe as principais conclusões e elenca algumas recomendações de política.

2. Pluriatividade: opção ou estratégia para lidar com incerteza no mercado de trabalho

O mercado de trabalho na lógica tradicional caracterizava-se por um emprego, um empregador, trabalho a tempo completo e contrato por tempo indeterminado, entre outros. Estas características foram amplamente estudadas a partir dos estudos clássicos dos economistas Doeringer e Piore (1971), que introduziram a perspetiva da segmentação do mercado de trabalho e, mais tarde, do sociólogo Kallerberg (2000), que abordou a questão em termos de bons e maus empregos. Assim sendo, a pluriatividade rompe com o modelo tradicional e deixa em aberto a questão de ser ou não ser um mau emprego.

A pluriatividade é definida como o exercício simultâneo ou sucessivo de várias atividades profissionais diferentes num mesmo período (Cornu, 1987; Beckhusen, 2019) e é designada de diferentes formas. Desde logo, a pluriatividade surge associada à pluralidade de formas atípicas de emprego, tais como do *“pluriassalariado (o mesmo*

emprego para vários empregadores) à combinação de estatutos (assalariado e independente) e/ou de profissões (campesinato e comércio), passando pelo emprego polivalente (várias profissões para vários empregadores)” (Rouault, 2002: 1). Envolve ainda diferentes designações nos diversos contextos económicos e sociais. Na América do Norte, o termo “*moonlighting*” ilustra as situações de pluriatividade ilícita (Panos *et al.*, 2014) e representa, na sua grande parte, o auto-emprego na segunda atividade (Rouault, 2002), enquanto em França designa-se por pluriatividade.

Os estudos revelam ainda duas outras preocupações. Por um lado, quem são os trabalhadores que têm múltiplos empregos e, por outro lado, quais as motivações que conduzem a essa estratégia. Estudos anteriores mostram que os trabalhadores que exercem pluriatividade tendem a combinar trabalho assalariado com trabalho independente, sendo maioritariamente homens e jovens (Rouault, 2002). No mesmo estudo, o autor indica que se tem assistido a uma tendência de feminização da pluriatividade nos EUA e Canadá, a qual tem vindo a crescer nas últimas décadas, tal como indica Glavin (2020) no seu estudo sobre o Canadá. Acrescenta ainda que existe uma forte presença de trabalhadoras com pluriatividade nos setores da educação e saúde, os quais são tendencialmente mais qualificados e feminizados.

Rouault (2002) distingue, por isso, dois grandes segmentos na pluriatividade: aqueles que são mais qualificados, sendo uma segunda atividade uma fonte de prestígio – advogados, peritos que oferecem serviços especializados a múltiplas organizações; e aqueles que são menos qualificados e que trabalham em setores dos serviços e indústria, onde o trabalho a tempo parcial é mais frequente. A pluriatividade representa para estes trabalhadores o único meio para lidar com a pobreza de rendimentos familiares. De referir que uma das características dominantes deste segmento é o trabalho a tempo parcial, trabalho ocasional, subemprego e trabalho atípico (Bambery e Campbell, 2012). Glavin (2020) reforça a ideia de que o emprego principal dos trabalhadores com pluriatividade é um emprego a tempo parcial.

Uma outra questão prende-se com as motivações pela opção de pluriatividade e remete, como vimos, para uma visão de estratégia ativa para sobreviver num mercado de trabalho precário e competitivo, ou para uma fonte de aquisição de competências através da diversidade de atividades profissionais desenvolvidas (Rouault, 2002). Panos *et al.* (2014) reconhecem quatro razões para a pluriatividade. A primeira está relacionada com o tempo parcial involuntário, situação em que um trabalhador pretende um emprego a tempo completo e não o consegue obter. Designam de “constrangimento de horas”, o qual

está associado ao rendimento insuficiente auferido a partir do emprego primário. Assim, o múltiplo emprego consiste numa resposta para lidar com constrangimentos financeiros, ou seja, a motivação é essencialmente financeira. Os autores avançam com a hipótese de que quando os níveis de remuneração no emprego primário aumentam, a pluriatividade tende a diminuir.

A segunda razão para o exercício da pluriatividade é a de responder à necessidade de assegurar emprego sem períodos de interrupção, habitualmente ligados aos contratos temporários. Quer isto dizer, *“a multiplicidade de empregos pode também ser um mecanismo que os indivíduos podem utilizar para se protegerem na presença de rendimentos flutuantes do primeiro emprego”* (Panos *et al.*, 2014: 227). Mais uma vez, os múltiplos empregos decorrem de constrangimentos financeiros e visam garantir mais rendimentos e também assegurar continuidade de rendimentos. Estes últimos devido ao risco e incerteza que caracteriza o emprego primário, e afeta, especialmente, os jovens na sua transição para o mercado de trabalho.

Uma terceira razão prende-se com a aquisição de capital humano que se alcança através de atividades desenvolvidas em profissões diversas, e formação no local de trabalho. Finalmente, a quarta razão para se ter um segundo emprego é a procura de satisfação profissional. Quer isto dizer que o indivíduo opta pela pluriatividade porque não está satisfeito no emprego primário. Em suma, as razões evocadas dividem-se entre as de natureza monetária e não monetária. As primeiras ilustram a relação entre precariedade e a pluriatividade, enquanto as outras revelam ambições pessoais de enriquecimento do currículo e de satisfação no trabalho (Panos *et al.*, 2014).

A pluriatividade tornou-se uma realidade transversal à generalidade dos países europeus, incluindo Portugal, com tendência a crescer. Pode ainda ser reforçada pela digitalização e pelo trabalho remoto (Orfao *et al.*, 2023). Além disso, envolve trabalhadores com diferentes níveis de qualificação e com situações diferentes no mercado de trabalho (Pouliakas, 2017). Relativamente às opções dos jovens para a pluriatividade, é possível identificar as seguintes situações: i) os jovens que se encontram em situação estável, que são geralmente os mais qualificados, procuram enriquecer o seu portfólio de competências com essa opção; ii) os que estão numa lógica de transição e a pluriatividade visa uma progressiva passagem para o trabalho independente; iii) os que estão constrangidos a assegurar um outro emprego devido ao trabalho a tempo parcial; e, finalmente, iv) um grupo que pretende combinar diferentes opções profissionais que se adaptam às suas aspirações individuais (Roualt, 2002). Em suma, distingue-se um grupo

em que a pluriatividade pode ser considerada uma verdadeira opção sem constrangimentos financeiros ou outros, e um grupo em que se trata de uma alternativa para se manter no mercado de trabalho e auferir, ou aumentar, o rendimento. A pluriatividade pode ser então uma estratégia para fugir ao desemprego.

Atendendo à literatura analisada, parece-nos pertinente comparar as características individuais dos pluriativos com os que não exercem pluriatividade. À composição desta categoria, devemos ainda explorar os fatores que influenciam a decisão de prosseguir a pluriatividade. Neste sentido, importa aferir em que medida a pluriatividade representa uma estratégia para lidar com constrangimentos financeiros que decorrem das condições desfavoráveis no mercado de trabalho. Estas condições incluem um período de desemprego; o trabalho temporário; e os níveis de remuneração no emprego primário que podem afetar a decisão pela pluriatividade.

3. Dados e método

Para responder às questões de pesquisa, iremos utilizar os dados do inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e o sistema de segurança social em Portugal. O questionário inclui um conjunto de questões no que diz respeito às características sociodemográficas dos jovens, aos seus perfis no mercado de trabalho, às respetivas condições do emprego e postura e percepções em relação à protecção social de rendimentos. Inclui também uma questão relativa ao exercício de pluriatividade: “*desenvolve diferentes atividades profissionais em paralelo/simultâneo?*”. No total, foram obtidas 5.077 respostas válidas por parte de jovens entre os 18 e os 35 anos, dos quais 53,4% reporta ter desenvolvido múltiplas atividades.

Os resultados deste capítulo são apresentados tendo em conta duas opções metodológicas, independentes entre si, mas que apresentam um grau de complementaridade bastante significativo. Em primeiro lugar, apresentamos os resultados da análise descritiva, a qual permite descrever as características dos jovens que reportam pluriatividade em termos das características sociodemográficas, das condições de emprego e da protecção social dos jovens. A análise descritiva visa identificar diferenças estatisticamente significativas entre os pluriativos e os que exercem uma atividade única. A análise destas diferenças é realizada através do teste de independência do *Qui-quadrado*. Este é um teste não paramétrico, indicado para testar se duas variáveis qualitativas nominais (ou tratadas como tal), na população, são independentes (Laureano, 2011).

As características sociodemográficas incluem o sexo, o escalão etário e as habilitações académicas. No que concerne às condições de emprego dos jovens, destacam-se os rendimentos auferidos, o tempo de trabalho e o tipo de contrato de trabalho, bem como a existência de episódios de desemprego. Finalmente, e no que diz respeito à protecção social dos jovens, iremos analisar o acesso à protecção no desemprego (recebimento de subsídio de desemprego) e indicadores de solidariedade intergeracional, como apoio financeiro por parte de familiares e amigos. Pretendemos ainda estudar a relação dos jovens com o sistema de Segurança Social, designadamente, pagamento de contribuições sociais por parte dos jovens e dos respetivos empregadores, perceção sobre a importância desse pagamento e as expectativas relativas ao recebimento de uma pensão de velhice no futuro. Este exercício concretiza-se através da comparação dos dois grupos, a saber, os pluriativos e os que têm um emprego único.

Em segundo lugar, pretendemos identificar as determinantes da opção de pluriatividade. Para tal, recorreremos à regressão logística binomial, que permite inferir as conclusões obtidas com a análise descritiva para a totalidade dos jovens da amostra. Note-se que a regressão logística binomial é indicada para os casos em que a variável dependente é dicotómica, ou seja, é composta por duas classes (categorias) mutuamente exclusivas (Marôco, 2021). Como iremos ver na secção seguinte, a nossa variável dependente tem duas categorias diferentes, refletindo dois perfis diferentes dos jovens no mercado de trabalho (pluriativo e não pluriativo), tendo em conta a existência ou não do exercício simultâneo ou sucessivo de várias atividades profissionais diferentes num mesmo período.

A regressão logística binomial é uma técnica de regressão para modelar a ocorrência, em termos probabilísticos, de uma das duas realizações das classes da variável dependente, num contexto em que as variáveis independentes poderão ser qualitativas e/ou quantitativas (Marôco, 2021). Segundo este autor, a regressão logística binomial permite analisar também a significância estatística de cada uma das variáveis independentes, as quais são estimadas segundo o método da máxima verosimilhança. De forma a avaliar a qualidade geral dos nossos modelos, iremos recorrer ao pseudo R-Square de Nagelkerke (1991) e à análise de especificidade, sensibilidade e acurácia obtidas na matriz de classificação (Marôco, 2021).

A regressão logística binomial permite estimar, em simultâneo, as características determinantes de cada um dos dois perfis dos jovens no mercado de trabalho (Powers and Xie, 2008). Assim, os resultados de um perfil são comparados com o outro perfil, o qual

é considerado a categoria de referência. De acordo com estes autores, os resultados devem ser analisados em termos de probabilidades (*odds ratios*), segundo as quais o impacto de cada variável independente traduz uma probabilidade maior ou menor em relação à categoria de referência de pertencer a um determinado perfil dos jovens no mercado de trabalho. Um *odd ratio* maior (menor) do que um traduz uma probabilidade maior (menor) de pertencer a determinado perfil dos jovens no mercado de trabalho em relação à categoria tomada com referência.

Tal como na análise descritiva, procura-se avaliar se as características sociodemográficas e individuais dos jovens, a situação que enfrentam no mercado de trabalho e a protecção social parecem determinar o perfil destes no mercado de trabalho em relação à pluriatividade. Para cada uma destas três dimensões são estimados modelos específicos de regressão logística binomial.

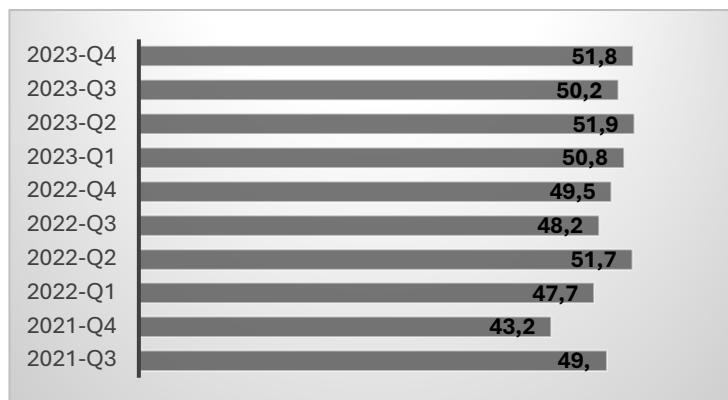
4. Resultados e Discussão

4.1.Pluriatividade em Portugal

O exercício de duas ou mais atividades em simultâneo constitui uma característica dominante do mercado de trabalho nos países europeus e não europeus. Os dados do módulo *ad-hoc*, recolhidos no 3º trimestre de 2021 pelo Eurostat indicam que a pluriatividade é um fenómeno comum a todos os países da União Europeia. O que distingue é essencialmente as diferenças entre sexos, que opõem Grécia e Roménia, em que a pluriatividade é essencialmente uma opção dos homens, enquanto na Letónia e em França as mulheres têm maior probabilidade de ter múltiplos trabalhos¹. Em Portugal, constata-se um equilíbrio de género, mas com uma tendência ligeira de feminização (Figura 1).

Figura 1 – Percentagem de mulheres com mais de um emprego em Portugal (15-74 anos)

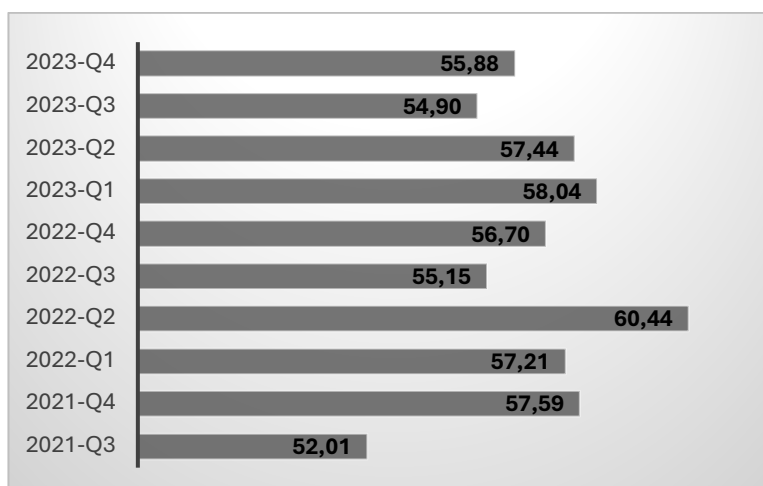
¹ https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Employment_in_detail_-_quarterly_statistics&oldid=584638#Profile_of_employed_people_with_a_second_job



Fonte: Eurostat

Em Portugal, verifica-se igualmente uma presença clara de diplomados do ensino superior com múltiplos empregos.

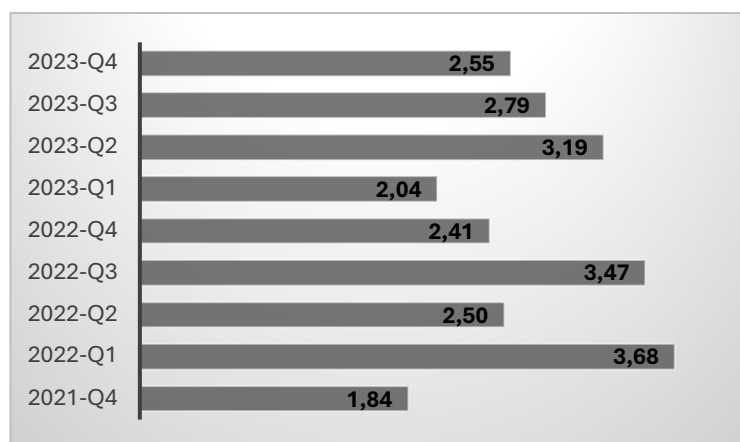
Figura 2 – Percentagem de graduados com mais de um emprego em Portugal (15-74 anos)



Fonte: Eurostat

Os dados para Portugal mostram ainda a proporção de jovens (15-24 anos) com pluriatividade em Portugal. A Figura 3 mostra algumas oscilações, que revelam uma tendência crescente imediatamente a seguir à pandemia e vai oscilando, não ultrapassando os 4%.

Figura 3 – Percentagem de jovens com mais de um emprego em Portugal (15-24 anos)



Fonte: EUROSTAT

Esta análise dos dados agregados relativos à pluriatividade em Portugal será complementada, nas sub-secções seguintes, com os dados originais no âmbito do inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e a Segurança Social em Portugal.

4.2. Quem são os jovens em múltiplos empregos?

Os dados obtidos com a realização do inquérito mostram que 53,4% dos jovens inquiridos reportam estar envolvidos em múltiplas atividades profissionais em simultâneo. O Quadro 1 apresenta as características sociodemográficas e individuais dos jovens, as características relativas à situação no mercado de trabalho dos jovens e as características no que diz respeito à protecção social dos jovens para a totalidade da amostra e por perfil dos jovens no mercado de trabalho (pluriativo e não pluriativo).

Quadro 1 – Caracterização da amostra (% do total)

Dimensão	Característica	Amostra Total	Perfil no Mercado de Trabalho	
			Pluriativo	Não Pluriativo
Sexo***	Feminino	49,4	50,5	44,3
Escala Etária	18-21	28,9	18,3	16,8
	22-25	22,6	20,6	21,6
	26-29	18,3	21,8	23,3
	30-35	30,1	39,3	38,3
	36-40	20,1	20,8	20,0
Habilitações***	12º Ano ou Menos	45,8	37,3	34,0
	Licenciatura	25,0	28,9	25,7
	Mestrado ou	29,2	33,8	40,7
	Doutoramento	0,0	0,0	0,0
Salários***	Menos de 700€	25,3	29,8	20,1
	700€ a 1.000€	22,3	24,1	20,1
	1.000€ a 1.500€	25,5	23,9	27,5
	1.500€ a 2.000€	12,1	10,4	14,1
	2.000€ a 2.500€	14,8	11,8	18,2
	Mais de 2.500€	0,0	0,0	0,0
Tempo de Trabalho***	Tempo Parcial	19,5	24,6	13,7
Contrato de Trabalho***	Temporário (Termo Certo)	31,0	44,8	37,1
Desemprego***	Sim	44,9	49,7	39,4
Subsídio de Desemprego	Sim	33,1	33,9	32,2
Apoio Pecuniário Privado***	Sim	60,2	60,8	50,1
Trabalhadores cumpridores	Sim	79,4	80,2	78,4
Empregadores cumpridores	Sim	76,8	77,5	76,0
Perceção positiva face à SS	Sim	79,1	78,3	80,3
Expectativa de receção de pensão	Sim	68,9	67,8	67,8

***p<0.01, **p<0.05, *p<0.10 (teste de independência do Qui-Quadrado)

A nossa amostra é relativamente uniforme em termos de sexo, escalão etário e habilitações dos jovens. Na verdade, os jovens do sexo masculino representam cerca de 50,6% do total da amostra, enquanto os jovens do sexo feminino representam cerca de 49,4%. A proporção de jovens com idades menos avançadas (entre 18 e 25 anos) representa cerca de 51,5% do total da amostra, num contexto em que os jovens com idades mais avançadas (entre os 26 e os 35 anos) representam 48,4%. É notória a predominância de jovens com menores níveis de qualificações, na medida em que 45,8% dos jovens da nossa amostra apenas detêm habilitações até ao ensino secundário, ao passo que 25% dos jovens detêm uma licenciatura e 29,2% detêm um mestrado ou doutoramento.

Apesar desta uniformidade da amostra ao nível do sexo, escalão etário e habilitações dos jovens, podemos destacar algumas diferenças em relação à distribuição dos jovens pelos dois perfis (pluriativo e emprego único) no mercado de trabalho. Por um lado, o perfil pluriativo é composto maioritariamente por jovens do sexo feminino, por jovens com idades mais avançadas (entre os 26 e os 35 anos) e por jovens com menores níveis de habilitações (até ao ensino secundário). Por outro lado, o perfil não pluriativo é composto maioritariamente por jovens do sexo masculino, por jovens com idades mais avançadas (entre os 26 e os 35 anos) e por jovens com maiores níveis de habilitações (mestrado ou doutoramento). O género e as habilitações parecem ser, assim, determinantes para explicar a realização de múltiplos empregos em simultâneo, por parte dos jovens, enquanto a idade não parece ser um fator determinante para explicar a presença no perfil pluriativo e no perfil não pluriativo. Na verdade, à medida que os jovens vão tendo idades mais (menos) avançadas, maior (menor) a preponderância que vão tendo em ambos os perfis. Os resultados do teste *Qui-quadrado* corroboram estas conclusões ao sugerirem que o género e as habilitações literárias influenciam o perfil dos jovens portugueses no mercado de trabalho, enquanto o escalão etário não apresenta nenhuma relação estatisticamente significativa.

No que diz respeito à situação no mercado de trabalho dos jovens da nossa amostra, podemos destacar uma clara predominância de jovens com salários mais baixos, com contratos de trabalho a tempo integral, com contratos de trabalho não temporários² e que nunca presenciaram um episódio de desemprego. Efetivamente, os jovens com

² De salientar que a posse de um contrato não temporário por parte dos jovens pode englobar várias modalidades contratuais diferentes, nomeadamente um contrato permanente sem termo, uma prestação de serviços (recibos verdes), uma bolsa, um estágio profissional, entre outros.

salários até 1.500€ representam cerca de dois terços da nossa amostra, dos quais 25,3% auferem salários até 700€, 22,3% recebe salários entre os 700€ e os 1.000€ e 25,5% tem salários entre os 1.000€ e os 1.500€. Apenas um quarto dos jovens da nossa amostra regista salários superiores a 1.500€, sendo que 12,1% da totalidade dos jovens apresenta salários entre os 1.500€ e os 2.000€ e os remanescentes 14,8% reporta salários num montante superior a 2.500€. Os jovens com contratos a tempo integral representam uma clara maioria (cerca de 80,5%), num contexto em que apenas 19,5% da totalidade dos jovens da nossa amostra refere uma modalidade contratual assente num contrato a tempo parcial. De salientar que também existe uma clara discrepância entre os jovens da nossa amostra com contratos de trabalho temporários a termo certo (cerca de 31%) e os jovens com contratos de trabalho não temporários (cerca de 69%). Praticamente metade dos jovens da nossa amostra já presenciou, pelo menos, um episódio de desemprego (cerca de 44,9%), não obstante a existência de uma ligeira maioria dos jovens que nunca tenha presenciado um episódio de desemprego (55,1%).

A situação no mercado de trabalho dos jovens também é relativamente heterogénea em relação à respetiva distribuição pelos dois perfis no mercado de trabalho. O perfil pluriativo é composto maioritariamente por jovens que auferem salários mais baixos (menos de 700€), enquanto o perfil não pluriativo é composto maioritariamente por jovens que recebem comparativamente salários mais elevados (entre os 1.000€ e os 1.500€). Isto parece sugerir que os (baixos) salários também poderão determinar a realização de múltiplos empregos, em simultâneo, por parte dos jovens. Na verdade, os resultados do teste *Qui-quadrado* apontam para a existência de uma relação estatisticamente significativa entre os salários e o perfil dos jovens portugueses no mercado de trabalho. Em ambos os perfis predominam jovens com contratos de trabalho a tempo integral, com contratos de trabalho não temporários e que nunca presenciaram um episódio de desemprego. Porém, e em termos comparativos entre os dois perfis, os jovens com contratos de trabalho a tempo integral, com contratos de trabalho não temporários e que nunca estiveram desempregados assumem maior expressão no perfil não pluriativo que no perfil pluriativo. Isto parece indicar que o envolvimento em múltiplos empregos, em simultâneo, por parte dos jovens, será tanto maior quanto mais os jovens detenham contratos de trabalho a tempo parcial, contratos de trabalho temporários a termo certo e denotem uma maior probabilidade de ficar desempregados.

Em relação à protecção social por parte dos jovens da nossa amostra, é importante referir que a maior parte dos jovens da nossa amostra nunca recebeu subsídio de

desemprego enquanto esteve desempregado (cerca 66,2%), embora a maior parte tenda a reportar o recebimento de algum tipo de apoio pecuniário de forma regular por parte de familiares e/ou amigos (cerca de 60,2%). Na sua larga maioria, os jovens da nossa amostra têm contribuído de forma regular para a Segurança Social (cerca de 79,4%), assim como os respetivos empregadores (cerca de 76,8%) e denotam uma postura bastante otimista em relação à Segurança Social, consubstanciada no reconhecimento em torno da importância de realizar contribuições (cerca de 79,1%) e na expectativa de recebimento de uma pensão de velhice no futuro (cerca de 68,9%). Estas características são transversais aos dois perfis dos jovens no mercado de trabalho, não existindo grandes diferenças entre ambos. Em termos relativos, a maior diferença reside no recebimento de apoio pecuniário privado por parte de familiares e/ou amigos, que assume maior expressão no perfil pluriativo (cerca de 60,8%) que no perfil não pluriativo (cerca de 50,1%). Isto poderá sugerir a existência de uma relação positiva entre o recebimento de apoio pecuniário privado por parte de familiares e/ou amigos e o envolvimento em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo, por parte dos jovens, tal como sugerem os resultados do teste estatístico do *Qui-quadrado*.

Do seu lado, a proteção social não parece influenciar a opção pela pluriatividade. Neste sentido, vale a pena sublinhar que, por um lado, o recebimento de subsídio de desemprego, as contribuições para a Segurança Social por parte dos trabalhadores e dos empregadores, e, por outro lado, a perceção relativamente à importância de cumprir obrigações com a Segurança Social e a expectativa de recebimento de uma pensão de velhice no futuro são independentes e não influenciam o perfil dos jovens portugueses no mercado de trabalho.

Os dados apresentados no Quadro 1 permitem concluir que as mulheres, jovens adultos, menos escolarizados, com salários mais baixos, com contratos a tempo parcial, contrato temporário, com episódio de desemprego tendem a optar mais intensamente pela pluriatividade. Acresce ainda a ausência de proteção social na fase do desemprego e a solidariedade familiar traduzida em apoio pecuniário que caracterizam os pluriativos da amostra. Estes resultados anunciam já que a pluriatividade pode ser considerada uma resposta a constrangimentos financeiros provocados pelas dificuldades que os jovens da amostra enfrentam no mercado de trabalho. Contudo, os jovens indicam o cumprimento das regras da Segurança Social e consideram claramente a probabilidade de aceder à pensão de velhice na reforma.

4.3. O que motiva a pluriatividade?

Todas estas conclusões preliminares podem ser mais bem corroboradas com a análise das estimativas da regressão logística binomial, as quais se encontram descritas no Quadro 2. De salientar que os modelos de regressão logística binomial explicam cerca de 5% da variação do perfil dos jovens com pluriatividade comparativamente à outra situação, em função das suas características sociodemográficas, da sua situação no mercado de trabalho e da respetiva proteção a que têm acesso.

As estimativas da regressão logística binomial vão no sentido dos resultados apresentados anteriormente, sublinhando a preponderância de mulheres e jovens em pluriatividade. Comparativamente aos resultados da análise descritiva, as estimativas indicam que são os jovens com idades compreendidas entre 22 e 25 anos que prevalecem nesta opção. As ligeiras diferenças entre níveis de escolaridade não permitem concluir que o ensino superior seja mais relevante.

Os resultados apontam claramente no sentido da relevância das condições do mercado de trabalho na existência de pluriatividade por parte dos jovens portugueses. Desde logo, denota-se uma relação entre salários baixos, contrato temporário, trabalho a tempo parcial e o exercício de pluriatividade. Acresce ainda que os jovens que reportam períodos de desemprego tendem também a indicar o exercício de múltiplas atividades.

Ao controlar o efeito das condições do mercado de trabalho, verificamos que as diferenças relacionadas com o género, bem como com a escolaridade, perdem relevância estatística. De facto, o trabalho a tempo parcial e salários baixos (remuneração até 1.500 euros) são determinantes essenciais da pluriatividade entre os jovens portugueses.

Finalmente, um dado relevante da análise é a relação entre pluriatividade e apoio financeiro atribuído por familiares e amigos aos jovens da amostra. Olhando para os *odds ratios*, o apoio financeiro recebido da família ou amigos é mais relevante que ter emprego temporário ou ter passado por um período de desemprego.

Quadro 2 – Estimativas da regressão logística binomial (*odds ratios*)³

Variável	Características Individuais	Situação no Mercado de Trabalho	Solidariedade Intergeracional
Constante	0.914 (0.069)	0.635*** (0.108)	0.573*** (0.111)
Feminino[#]	1.281*** (0.066)	1.224*** (0.079)	1.235*** (0.079)
18-21[#]	0.925 (0.114)	1.068 (0.174)	0.998 (0.175)
22-25[#]	0.830** (0.091)	0.764** (0.111)	0.721*** (0.112)
26-29[#]	0.905 (0.086)	0.841* (0.094)	0.830** (0.094)
12º Ano ou Menos[#]	1.329*** (0.093)	0.999 (0.123)	1.073 (0.125)
Licenciatura[#]	1.351*** (0.084)	1.121 (0.092)	1.138 (0.092)
Menos de 700€[#]		1.533*** (0.159)	1.363* (0.161)
700€ a 1.000€[#]		1.551*** (0.139)	1.399** (0.141)
1.000€ a 1.500€[#]		1.235* (0.124)	1.154 (0.125)
1.500€ a 2.000€[#]		1.136 (0.143)	1.102 (0.144)
Tempo Parcial[#]		1.934*** (0.125)	1.885*** (0.125)
Contrato Temporário (Termo Certo)[#]		1.222*** (0.077)	1.228*** (0.078)
Desemprego[#]		1.348*** (0.083)	1.322*** (0.083)
Apoio Pecuniário Privado[#]			1.399*** (0.079)
Nagelkerke R-Square	0.012	0.060	0.051
Especificidade (Sensibilidade) [Acurácia]	26.6 (79.7) [54.9]	47.9 (69.8) [59.8]	47.9 (70.7) [60.3]

Nota: Os perfis no mercado de trabalho correspondem à variável dependente, sendo o perfil de não pluriatividade a categoria de referência. ***p<0.01, **p<0.05, *p<0.10 e erros-padrão entre parêntesis. [#]As categorias de referência correspondem a jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 30 e os 35 anos, com mestrado ou doutoramento, com salários superiores a 2.000€, que não trabalham a tempo parcial, que não dispõem de um contrato temporário a termo certo, que nunca estiveram desempregados e que nunca receberam apoio pecuniário privado de familiares e/ou amigos.

³ A questão relativa ao recebimento de subsídio de desemprego por parte dos jovens nos casos em que estiveram desempregados foi excluída da análise da regressão logística binomial, na medida em que o recebimento de subsídio de desemprego não parece ser um determinante do envolvimento em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo, porque os seus beneficiários perderão automaticamente o acesso a esse subsídio se desempenharem alguma atividade profissional declarada. No mesmo sentido, foram excluídas as questões relativas à realização de contribuições para a Segurança Social por parte dos jovens e dos seus empregadores e as questões relativas ao reconhecimento em torno da importância de efetuar contribuições para a Segurança Social e ao recebimento de uma pensão de velhice no futuro porque não foram encontradas diferenças nas respostas por parte dos jovens pertencentes aos dois perfis no mercado de trabalho (Quadro 1). A inclusão destas cinco variáveis no nosso modelo de regressão contribuiria para estimativas menos eficientes porque as mesmas não se revelariam estatisticamente significativas. Os resultados encontram-se disponíveis mediante solicitação.

A análise dos resultados do modelo de regressão logística binomial permite concluir que os jovens portugueses que tenderão a exercer múltiplos empregos são: mulheres, jovens adultos, que auferem salários mais baixos (até aos 1.500€), com contratos de trabalho a tempo parcial, com contratos de trabalho temporário, que já enfrentaram períodos de desemprego e que receberam apoio pecuniário privado por parte de familiares e/ou amigos. Note-se que os nossos modelos apresentam uma acurácia superior a 50%, o que sugere que os modelos apresentam capacidades preditivas bastante razoáveis (Marôco, 2021). As capacidades preditivas dos modelos são bastante melhores para o perfil pluriativo do que para o perfil não pluriativo. Na verdade, os modelos relativos à situação no mercado de trabalho dos jovens e à solidariedade intergeracional explicam, na plenitude, as características do perfil pluriativo com sensibilidades em torno dos 70%.

4.4. Discussão dos resultados

Estudos anteriores apontaram diversas razões que conduzem à opção de pluriatividade. Os resultados obtidos com a análise descritiva e regressão logística binomial permitem concluir, desde logo, que se trata de uma resposta às condições desfavoráveis no mercado de trabalho. Destacam-se a este respeito os baixos salários e o trabalho a tempo parcial que criam constrangimentos financeiros aos jovens (Roualt, 2002; Panos *et al.*, 2014). Ressalta também dos resultados empíricos o que se designou de “*constrangimento de horas*” (Panos *et al.*, 2014) que traduz a necessidade de lidar com o rendimento insuficiente auferido a partir do emprego primário. Assim, a motivação do múltiplo emprego é essencialmente financeira, pois é sabido que quando os níveis de remuneração no emprego primário aumentam, a pluriatividade tende a diminuir.

O sinal positivo e significativo associado ao contrato de trabalho a termo certo ilustra ainda que a intenção de assegurar continuidade no mercado de trabalho influencia a decisão de ter múltiplos empregos, evitando assim períodos de interrupção de trabalho e rendimento, habitualmente ligados aos contratos temporários (Panos *et al.*, 2014). O risco de perda de emprego e a incerteza ligados ao emprego primário afetam, especialmente, os jovens na fase inicial no mercado de trabalho, mas os resultados empíricos mostram que a pluriatividade parece ser uma opção transversal a todos os grupos etários. Há, assim, sinais de que a pluriatividade tende a representar uma estratégia de sobrevivência para muitos jovens (Cornu, 1987; Beckhusen, 2019), em Portugal, mas

mais particularmente para os que apresentam uma situação vulnerável no mercado de trabalho (Fenton e Dermott, 2006; Furlong *et al.*, 2018; Orfao *et al.*, 2023).

Os dados apontam para a tendência para a feminização (Rouault, 2002; Glavin, 2020), o que não surpreende tendo em conta os dados apresentados no Capítulo 3, os quais indicam a maior vulnerabilidade das jovens no mercado de trabalho português. O mesmo acontece com a relação contratual: nem a escolaridade mais elevada protege as jovens mulheres da precariedade e instabilidade no mercado de trabalho. O múltiplo emprego serve assim para mitigar a sua maior vulnerabilidade no mercado de trabalho (Osborne e Warren, 2006).

5. Conclusão

Este trabalho pretendeu caracterizar os trabalhadores que desenvolvem múltiplas atividades e analisar as determinantes da pluriatividade, em Portugal, nomeadamente procurando identificar em que medida as características sociodemográficas e individuais dos jovens (sexo, idade e habilitações literárias), a situação no mercado de trabalho dos jovens (salários, tempo de trabalho, modalidade contratual e situações de desemprego) e a protecção social a que os jovens estão sujeitos (apoio privado) são fatores determinantes para o envolvimento dos jovens portugueses em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo.

Através de dados primários, obtidos por via da realização de um inquérito, os nossos resultados mostram que os jovens do sexo feminino, os jovens com menores qualificações, os jovens com menores níveis salariais, os jovens com contratos de trabalho a tempo parcial, os jovens com contratos de trabalho temporários a termo certo, os jovens mais suscetíveis de experienciar episódios de desemprego e os jovens que recebem apoio pecuniário privado por parte de familiares e/ou amigos apresentam uma maior probabilidade de se envolverem em múltiplas atividades profissionais, em simultâneo, em Portugal. Os nossos resultados sugerem também que os jovens portugueses atribuem uma grande importância ao cumprimento das regras da Segurança Social, dos próprios e dos seus empregadores. Esta perceção é transversal aos jovens da amostra, pois parece existir um entendimento de que essas contribuições irão, no futuro, permitir receber uma pensão de velhice.

Estes resultados parecem confirmar que a estratégia de pluriatividade surge como uma forma dos jovens portugueses lidarem com a maior vulnerabilidade que enfrentam

no mercado de trabalho, nomeadamente a existência de trabalhos precários, trabalhos mal remunerados, trabalhos a tempo parcial e elevada desproteção social, bem como períodos de desemprego que aumentam a incerteza e comprometem o rendimento regular.

Investigações futuras sobre a pluriatividade em Portugal deverão procurar realizar estudos longitudinais, de forma a estudar as determinantes desta estratégia adotada por parte dos jovens ao longo do tempo. Futuros estudos devem assim responder à questão central sobre as motivações subjacente à opção. Os nossos dados não permitiram ir além das motivações financeiras que decorrem da vulnerabilidade no mercado de trabalho.

6. Referências

Amirault, Thomas. "Characteristics of multiple jobholders, 1995." *Monthly Labor Review* 120, no. 3 (1997): 9-15.

Bamberry, Larissa. "Multiple job holders in Australia: motives and personal impact." *Australian bulletin of labour* 38, no. 4 (2012): 293-314.

Beckhusen, Julia. 2019. *Multiple Jobholders in the United States: 2013*. Washington DC: US Department of Commerce, Economics and Statistics Administration and US Census Bureau.

Conen, Wieteke, and Paul de Beer. "When two (or more) do not equal one: an analysis of the changing nature of multiple and single jobholding in Europe." *Transfer: European Review of Labour and Research* 27, no. 2 (2021): 165-180.

Cornu, Gérard. 1987. *Vocabulaire Juridique – Association Henri Capitant*. Paris: Presses Universitaires de France.

Doeringer, Peter and Michael Piore. "MJ (1971). *Internal Labour Market and Manpower Analysis*." Lexington, Mass.

Fenton, Steve; e Dermott, Esther. 2006. 'Fragmented careers?: Winners and losers in young adult labour markets'. *Work, Employment and Society*. 20 (2): 205-221.

Ferrera, Maurizio. 1996. 'The 'Southern Model' of Welfare in Social Europe'. *Journal of European Social Policy*. 6 (1): 17-37.

Foley, Mark C. "Multiple job holding in Russia during economic transition." (1997).

Foster, Liam; Heneghan, Martin; e Wijeratne (2019). 'Women millennials' perceptions of pension savings through the use of autoenrollment in the UK pension system'. *Journal of Women & Aging*, 31(4): 340-360

Furlong, Andy; Goodwin, John; O'Connor, Henrietta; Hadfield, Sarah; Hall, Stuart; Lowden, Kevin; Plugor, Réka. 2018. *Young People in the Labour Market: Past Present and Future*. New York: Routledge.

Glavin, Paul. "Multiple jobs? The prevalence, intensity and determinants of multiple jobholding in Canada." *The Economic and Labour Relations Review* 31, no. 3 (2020): 383-402.

ILO (2021). 'Social Security Perception of the Youth in Pandemics'. Research Brief.

Kalleberg, Arne L. 2000. 'Nonstandard Employment Relations: Part-time, Temporary and Contract Work'. *Annual Review of Sociology*. 26 (1): 341-365.

Laureano, Raul M. S. 2011. *Testes de Hipóteses com o SPSS – O Meu Manual de Consulta Rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.

Marôco, João. 2021. *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS*. 8ª Edição. Lisboa: Report Number.

Nagelkerke, N. J. D. 1991. 'A note on a general definition of the coefficient of determination'. *Biometrika*. 78 (3): 691-692.

Orfao, Guillermo; del Rey, Alberto; e Malo, Miguel Á. 2023. 'Multiple jobholding and non-standard employment among young workers: a comparative analysis of EU-28 member states'. *Journal of Youth Studies*. At Press.

Osborne, Rebecca; e Warren, Julie. 2006. 'Multiple Job Holding – A Working Option for Young People'. *Labour, Employment and Work in New Zealand*. 2006 (1): 377-384.

Panos, Georgios A., Konstantinos Pouliakas, and Alexandros Zangelidis. "Multiple job holding, skill diversification, and mobility." *Industrial Relations: A Journal of Economy and Society* 53, no. 2 (2014): 223-272.

Pouliakas, Konstantinos. 2017. 'Multiple job-holding: Career pathway or dire straits?'. IZA World of Labor.

Powers, Daniel A.; e Xie, Yu. 2008. *Statistical Methods for Categorical Data Analysis*. 2nd Edition. San Diego: Academic Press.

Rouault, Sophie. 2002. 'Multiple Jobholding and Path-Dependent Employment Regimes: Answering the Qualification and Protection Needs of Multiple Job Holders'. *Report N° FS / 02-201*. WZB Discussion Paper.